

GES
PCP**O Militante**

BOLETIM DE ORGANIZAÇÃO DO P.C.P.

ORGANIZAR, ORGANIZAR E ORGANIZAR

As grandes greves de julho-agosto constituíram uma grande vitória política para o Partido e abrem perspectivas extraordinariamente favoráveis para o nosso trabalho futuro. O Partido necessita agora, não só de consolidar as posições que já possuía, como conquistar novas e fortes posições que lhe estão abertas. O Partido deve fazer tudo para tornar ainda mais íntima a sua ligação com as massas, para orientar e conduzir massas cada vez mais vastas, para preparar as condições de organização para novas e mais decididas jornadas. Há que organizar, organizar e ainda organizar.

O sucesso tático das grandes greves de julho-agosto deve-se, em grande parte, à solidez de muitas células de empresa, à existência, nas mais importantes empresas, de organismos de unidade para conduzirem a luta reivindicativa, ao estabelecimento de firmes ligações entre várias empresas, e, duma maneira geral, à ligação orgânica do Partido com todos os sectores fabris da região de Lisboa. Mas, por outro lado, certas deficiências verificadas nas greves podem atribuir-se com razão a debilidades de organização. Em muitas fabricas e empresas não tinham sido formados os Comités de Unidade preconizados pelo Partido; noutras empresas, ainda que

existindo células com apreciável número de filiados, os nossos camaradas tomaram uma atitude pouco decidida, havendo mesmo casos em que membros do Partido tiveram um papel de «travão» no movimento; em algumas fabricas que secundaram a greve, não existia sequer organização partidária, nem qualquer ligação regular com o Partido. Estas debilidades da organização partidária não podiam deixar de reflectir-se no desenrolar da greve e explicam, por si só, porque foi possível que os trabalhadores de algumas empresas (Poço do Bispo, Xabregas, Chelas, Sacaven, Alhandra, etc.) não tivessem ido para a greve; que, noutras empresas (particularmente na zona Santos-Alcântara-Algés), não tivessem sido colocadas reivindicações; que, noutras (gráficos), a luta tivesse sido mal orientada.

A análise destas deficiências e das suas conseqüências durante as greves, devem levar todos os nossos camaradas a um esforço redobrado para as eliminar.

As greves abriram magníficas perspectivas a todo o trabalho de organização do Partido. **O Partido pode, com a condição dum bom trabalho de organização, não só duplicar ou mesmo triplicar o número das suas organi-**

zações de base, não só dentro de cada empresa duplicar ou mesmo triplicar o número dos seus membros, como tornar cada uma das suas organizações de base um organismo verdadeiramente dirigente das massas trabalhadoras. Donde derivam estas novas possibilidades?

Temos a considerar, em primeiro lugar, o grande prestígio político ganho pelo Partido durante a greve. Milhares e milhares de trabalhadores, que até às greves não tinham ainda sentido a actividade do Partido, passaram a olhá-lo como a sua vanguarda, como o seu guia. Os trabalhadores mais conscientes e decididos estabeleceram durante a greve uma ligação sólida com os nossos camaradas; aprovaram a orientação e acção do Partido e lutaram ao nosso lado como verdadeiros comunistas sem-Partido. Eles tornaram-se sinceros irmãos de armas dos comunistas. **O prestígio ganho pelo Partido durante a greve abre assim perspectivas para um amplo trabalho de organização.**

Temos a considerar, em segundo lugar, o estabelecimento de ligações do nosso Partido com trabalhadores honestos e combativos de sectores fabris onde não havia organização partidária antes da greve. Em muitas fábricas e empresas onde não havia organização partidária, os trabalhadores mais conscientes passaram a estar ligados ao Partido e, durante as greves, nas marchas da fome e manifestações de rua, aprovaram a orientação e acção do Partido e

lutaram ao nosso lado como verdadeiros comunistas sem-Partido. **O estabelecimento de ligações, seladas no fogo da luta, com fábricas e empresas onde não existia organização, abre assim perspectivas para um amplo trabalho de organização.**

Em que sentido se deve desenvolver o nosso trabalho de organização afim de aproveitar todas as perspectivas que as greves abriram ao Partido?

Temos, em primeiro lugar, que **analisar detidamente como se conduziu cada organização do Partido durante a greve, a sua participação, as consignas que colocou, a iniciativa de que deu prova, e mesmo a conduta de cada camarada.** Há que analisar muito especialmente a acção das organizações do Partido e de cada um dos seus componentes individualmente onde não conseguiram ou não souberam conduzir à greve os trabalhadores. Esta análise detida permitirá fortalecer cada organização, chamando a lugares de responsabilidade em cada organismo os camaradas que se revelaram ser bons dirigentes de massas, corajosos e com senso político, em substituição daqueles que se revelaram elementos inertes, tímidos e até cobardes. Isto não quer dizer de forma alguma que se ponha presentemente a questão da depuração. Felizmente que não se verificam casos que tal tornem necessário. Trata-se apenas duma **recomposição de quadros** onde as organizações partidárias possam com isso ligar-se mais

estritamente às massas e sair da rotina em que mostrou encontrar-se a sua actividade. Entretanto, as humas substituições de quadros responsáveis (incluindo CL, CZ e secretariado de célula) devem ser feitas sem conhecimento do Secretariado do Comité Central.

Temos, em segundo lugar, que manter as ligações com os trabalhadores honestos (nossos companheiros de luta na greve) de zonas fabris e de fábricas onde não havia organização partidária antes da greve (com os quais as nossas organizações de base mantiveram estreito contacto durante o movimento), fazendo junto deles um trabalho no sentido de os atrair ao Partido e de constituírem novas células do Partido nessas fábricas e zonas fabris. Esta questão não deve, entretanto, ser vista numa forma esquemática, havendo muitos casos em que a adesão ao Partido não se pode colocar imediatamente. Em tais casos, podemos e devemos manter esse contacto, levando esses trabalhadores a participarem em organismos permanentes de luta, que a experiência mostrou deverem ser Comités ou Comissões de Unidade, com os quais os CZ, CL e o próprio CR de Lisboa devem manter estreito contacto.

Temos, em terceiro lugar, que, dentro de cada fábrica ou empresa onde existia já anteriormente a greve organização partidária, levar a cabo uma intensa campanha de recrutamento, procurando cha-

mar ao Partido os trabalhadores e trabalhadoras que mais se destacaram na luta. O recrutamento de novos membros para o Partido não deve, entretanto, ser feito precipitadamente, pois temos que evitar que entrem para o Partido elementos que tragam para as nossas fileiras indisciplina e hesitações que se converteriam num breve espaço de tempo em factores de desagregação. Hoje mais que nunca devemos procurar que no Partido haja uma unidade de querer e de agir.

Temos, em quarto lugar, que alargar em toda a parte a organização de Comités e Comissões de Unidade, unificando a sua acção das várias empresas e das várias zonas fabris. Essa unificação orgânica pode tanto ser feita por intermédio das organizações partidárias, como constituindo Comissões de Unidade por localidades, ramos de indústria, etc., que sejam as coordenadoras da actividade das Comissões de Unidade das várias empresas, com objectivos de luta muito concretos.

Estas são as principais tarefas, sob o ponto de vista de organização, que se colocam ante as nossas organizações na região de Lisboa e noutras regiões onde tiveram lugar greves e outros grandes movimentos de massas.

Há ainda dois outros importantíssimos aspectos a considerar: como organizar as mulheres e os jovens. Um e outro serão tratados em artigos separados.

Melhoremos o nosso Trabalho

ANALIZANDO E CORRIGINDO AS DEFICIÊNCIAS DO ÚLTIMO MOVIMENTO

UMA das características essenciais do Partido Comunista, como destacamento avançado da classe operaria, é o saber utilizar, duma maneira certa, as armas da crítica e da auto-crítica, é o saber reconhecer sem receio, todos os seus erros e deficiências com a finalidade de melhorar a sua actividade política e cumprir cada vez melhor com o seu papel de dirigente da classe trabalhadora. Os comunistas não temem o reconhecimento dos seus próprios erros. Por isso, conseguem melhorar toda a sua actividade, merecer cada vez mais a confiança das massas trabalhadoras e sair mais fortes e conscientes de cada jornada de luta.

Partindo deste princípio e sem esquecermos os lados positivos do nosso trabalho, que já têm sido devidamente destacados em toda a nossa imprensa, propomo-nos hoje neste artigo analisar e enumerar somente alguns lados negativos da nossa actividade partidaria verificados nas últimas greves.

1—As últimas greves e manifestações populares demonstraram que o facto de não termos conseguido organização entre os trabalhadores da CP é uma deficiência do nosso trabalho partidario que devemos corrigir o mais rapidamente possível, dada a importância que tem a participação destes trabalhadores nas lutas das massas laboriosas, dado o papel que podem e devem desempenhar no derrubamento do governo fascista de Salazar.

2—A deficiente organização e

não participação dos trabalhadores da Carris de Lisboa nas últimas greves, foi um factor de desmoralização dos operarios da região de Lisboa, que é preciso remediar no mais curto espaço de tempo por intermédio dum trabalho sério de organização partidaria.

3—As greves provaram bem que os operarios e operarias de varias fabricas e empresas onde não tinhamos organização, seguem as palavras de ordem do Partido e que estão de alma e coração com o Partido. Contudo, o que lhes faltou foi uma organização do Partido capaz de os orientar decididamente na luta até à completa vitória. Por consequência, o estabelecimento rapido dum estreito contacto com os operarios e operarias que mais se destacaram no último movimento nas fabricas e empresas onde não tinhamos organização, é uma das tarefas mais imediatas do nosso Partido.

4—Nalguns casos, as organizações do Partido, apesar do seu bom trabalho, não souberam conduzir uma actividade eficaz, afim de que, após a paralização das fabricas, fôsem apresentadas imediatamente as reivindicações operarias, quer aos patrões quer às autoridades, limitando-se os trabalhadores a paralizarem apenas o trabalho.

5—Uma das nossas grandes deficiências foi o facto dos nossos camaradas, dentro das fabricas e empresas, não terem organizado a sua actividade de molde a que,

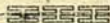
s. m perderem o contacto com as massas e continuando a orientá-las, não se deixassem prender, evitando assim o desgaste que tivemos nos nossos quadros do P.

6— Não procedemos, como poderíamos e deveríamos ter feito nos dois primeiros dias de luta, à nomeação duma comissão ampla, composta por representantes dos trabalhadores das varias fabricas e emprêsas em greve, que apresentasse ao govêrno as reivindicações de todos os trabalhadores. Esta deficiência do nosso trabalho deve merecer a nossa atenção para futuros movimentos.

7— O nosso aparelho técnico, apesar do enorme progresso em relação aos movimentos anterior-

res, revelou ser já insuficiente nas novas circunstâncias da luta, requerendo, portanto, uma especial atenção, a ponto de o pormos à altura do cumprimento da sua missão nas futuras jornadas de luta da classe trabalhadora portuguesa.

Eis algumas das deficiências do trabalho partidário reveladas nos últimos grandes movimentos, que nos devem tomar uma grande atenção. Sem corrigir tôdas as suas deficiências, o Partido não poderá dirigir para a vitória a classe operária nas próximas grandes jornadas de luta, nem poderá dirigir as massas populares até à sua completa libertação do jugo fascista.



AS GRANDES GREVES DE JULHO-AGOSTO E O DERRUBAMENTO DO FASCISMO

As grandes greves, marchas da fome e demonstrações de rua de julho-agosto, em Lisboa, Almada, Arrentela, Barreiro, Alhos Vedros, Seixal, S. João da Madeira, Couto, Arrifana, Nogueira do Cravo, etc., constituíram o mais importante movimento da classe operária desde o advento do fascismo. Elas foram uma confirmação magnífica da justeza da orientação do Partido, segundo a qual só amplos movimentos de massas criarão em Portugal a situação insurreccional na qual o govêrno fascista será derrubado do poder. Mas isto não quer dizer que as greves de julho-agosto tivessem (ou pudessem ter) como finalidade o derrubamento do govêrno fascista de Salazar. As greves, marchas da fome e demonstrações de massas de julho-agosto abalaram, é certo, profundamente as bases

de apoio do fascismo e abriram novas e amplas perspectivas ao movimento de Unidade Nacional que há-de derrotar o fascismo. Mas, em julho-agosto, não existia uma situação insurreccional, nem as condições faziam prevêr um rápido amadurecimento da situação que permitisse à classe operária e às massas trabalhadoras, o decurso do próprio movimento, passar a uma etapa superior — à insurreição armada.

Todavia, alguns dos nossos camaradas e organizações não compreenderam assim a situação, acreditaram que se estava em vésperas do derrubamento do govêrno de Salazar e que esse derrubamento surgiria como consequência directa das próprias greves.

É assim que o CR do Ribatejo, num apêlo que fez em 2 de agosto aos operários da Fabrica de Ci-

mentos Tejo, diz taxativamente:

«Mais duas semanas de paralização de trabalho farão derrubar o governo salazarista».

Outros camaradas, ainda que não aceitassem a concepção do derrubamento do fascismo por meio da greve, acreditaram que esta abria perspectivas imediatas para o derrubamento do fascismo.

Tal a concepção que se reflecte em várias passagens dum manifesto editado pelo CR do Douro onde se diz que

«Salazar e todos os lacaios do fascismo se encontram à beira da tumba».

Tal a concepção que se traduz num projecto de circular do CR de Lisboa dirigida aos CZ, CL e C. de Empresa da região X, onde si afirma que

«Esta luta, dirigida pelo nosso querido Partido, pode, em ligação com a crise aguda que o fascismo, tanto nacional, como internacionalmente, atravessa, passar a uma fase superior — ao derrubamento do fascismo de Salazar».

Vê-se assim que alguns dos nossos camaradas dos quadros de direcção fizeram uma apreciação errada da situação durante as jornadas de julho-agosto. E, portanto, nenhum erro é mais perigoso para dirigentes da classe operária do que tomarem os seus desejos como realidade.

Sem dúvida que, como mostrou o camarada Staline,

“...a greve geral política é a maior escola para a revolução proletária, assim como um meio indispensável para mobilizar e organizar as massas proletá-

rias nas vésperas dum ataque à cidadela do capitalismo” (Fundamentos do Leninismo, cap. II).

Sem dúvida que, como mostrou Lênine,

“A greve económica, no termo do seu desenvolvimento, conduz à greve política e a greve política a insurreição” (A Doença Infantil do Comunismo).

Mas as greves de julho-agosto não foram uma «greve geral política», nem havia condições (objectivas e subjectivas) para que se tornassem uma greve geral política.

O nosso dever é, de certo, alargar, desenvolver, levar cada vez mais longe, os movimentos de massas. Mas isso temos de o fazer pela organização, pela agitação, pela preparação metódica e pertinaz, e não por consignas divorciadas da realidade, consignas indicando à classe operária um caminho imediato para que as condições não estão ainda criadas, nem a própria classe operária preparada. Devemos ter em vista, é certo, desencadear greves políticas de massas, com a mira numa greve geral política e na insurreição. Mas não devíamos ter apresentado à classe operária a perspectiva imediata do derrubamento do fascismo, quando essa perspectiva existia só nos nossos desejos e não na realidade. O amadurecimento da crise revolucionária pode, entretanto, dentro em breve, abrir-nos essa perspectiva e colocar na ordem do dia a questão da insurreição.